

Cena, música e decolonização curricular: Letramento racial e criação coletiva no ensino fundamental

Rafael Augusto de Lima Barbosa¹

Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

RESUMO

O projeto pedagógico “As Aventuras Musicais de Zaki” apresenta uma abordagem interdisciplinar voltada a turmas do 6º ano do ensino fundamental, integrando práticas artísticas e educativas que promovem o letramento racial e a valorização das matrizes culturais afro-brasileiras. A narrativa inédita de Zaki — um menino que explora ritmos afro-brasileiros com o auxílio de um atabaque mágico — funciona como fio condutor para reflexões sobre ancestralidade, diversidade e resistência. A metodologia organiza-se em três etapas: (1) jogos cênico-musicais, que introduzem ritmos, gestos e movimentos; (2) performance e apreciação, que exploram conexões entre música e cena; e (3) criação coletiva, culminando na montagem de uma peça teatral desenvolvida pelos estudantes. Espera-se o fortalecimento do protagonismo discente, a desconstrução de estereótipos e a ampliação do repertório cultural e crítico. O projeto propõe a contribuição com a transformação da escola pública em espaço de resistência cultural e emancipação social, alinhado às Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Palavras-chave: Educação antirracista; Criação coletiva; Afrocentricidade; Ritmos afro-brasileiros; Pedagogia interdisciplinar.

ABSTRACT

The pedagogical project “The Musical Adventures of Zaki” presents an interdisciplinary approach designed for 6th-grade elementary school classes, integrating artistic and educational practices that promote racial literacy and the appreciation of Afro-Brazilian cultural heritage. The original narrative of Zaki — a boy who explores Afro-Brazilian rhythms with the help of a magical *atabaque* drum — serves as a guiding thread for reflections on ancestry, diversity, and resistance. The methodology is organized into three stages: (1) scenic-musical games, introducing rhythms, gestures, and movements; (2) performance and appreciation, exploring connections between music and theatre; and (3) collective creation, culminating in the production of a theatrical play developed by the students. Expected outcomes include strengthening student protagonism, deconstructing stereotypes, and expanding cultural and critical repertoires. The project aims to contribute to transforming the public school into a space of cultural resistance and social emancipation, in line with Laws 10.639/2003 and 11.645/2008.

Keywords: Antiracist education; Collective creation; Afrocentricity; Afro-Brazilian rhythms; Interdisciplinary pedagogy.

1. Introdução: entrelaçando interartes e letramento racial

A interseção entre arte, educação e afrocentrismo apresenta-se como um campo fértil para a construção de práticas pedagógicas que valorizam as culturas afro-brasileiras. Este projeto se insere no contexto de implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena em toda a educação básica. Sob essa perspectiva, a peça infantojuvenil inédita “As Aventuras Musicais de Zaki” serve como fio condutor para uma proposta pedagógica

¹ Endereço de contacto: Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-010, Brasil

Endereço de e-mail: rafaelbarbosa.mus@gmail.com

interdisciplinar, com o objetivo de fomentar o letramento racial e práticas educativas antirracistas. Essa abordagem reconhece as contribuições de autores como Cida Bento (2022), que problematiza a perpetuação do pacto da branquitude, e Diego Reis (2020), que enfatiza a necessidade de desconstruir epistemologias coloniais para promover narrativas mais inclusivas.

A construção deste projeto dialoga com o conceito de "Pedagogia da Circularidade" proposto por Ferreira (2019), que enfatiza a desierarquização do saber e a valorização da integralidade do indivíduo no processo criativo e educativo. Inspirado por práticas cênicas negras como as do Bando de Teatro Olodum e do Grupo NATA, este projeto propõe estratégias que integram criação artística e reflexão crítica, estabelecendo uma prática educativa enraizada nas cosmovisões africanas e afro-brasileiras. Além disso, a teoria da Afrocentricidade, conforme sistematizada por Asante (1992), oferece o embasamento teórico para a centralização das perspectivas negras nos processos educativos, desafiando as estruturas de poder hegemônicas.

A peça "*As Aventuras Musicais de Zaki*" narra a jornada de um menino e seu atabaque mágico por diferentes contextos musicais e culturais do Brasil, conectando os participantes às tradições afro-brasileiras como o ijexá, o samba e o maracatu. Ao longo do processo, os estudantes serão incentivados a refletir criticamente sobre as contribuições culturais afro-brasileiras, desconstruindo narrativas hegemônicas e promovendo práticas inclusivas de ensino. Essa abordagem está em sintonia com as reflexões de Alves e Rodrigues (2018), que destacam a arte como meio de resistência e expressão cultural para a população negra.

Por meio de jogos cênico-musicais, apreciação crítica de obras afrorreferenciadas e processos de criação coletiva, este projeto busca construir um espaço educativo que integre arte, história e cultura afrocentrada. Conforme destaca Messias et al. (2024), ações educativas que promovem o diálogo entre Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e Educação Patrimonial podem fortalecer a identidade cultural de estudantes negros e indígenas, contribuindo para a transformação social.

Com base nesse referencial, o projeto pedagógico tem a proposta de promover o letramento racial por meio da integração entre música, teatro e estudos culturais afrocentrados. Busca-se sensibilizar para a riqueza das tradições afro-brasileiras, desconstruir a hegemonia de epistemologias eurocêntricas e incentivar a criação coletiva como reconhecimento e valorização identitária. Em conformidade com as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, a proposta fomenta reflexões críticas sobre diversidade e equidade racial e afirma a escola pública como espaço de resistência cultural.

2. Referencial teórico: afrocentricidade, pedagogia antirracista e arte como resistência

A construção de práticas pedagógicas que promovam o letramento racial e a desconstrução de epistemologias coloniais é essencial para o enfrentamento das desigualdades raciais no Brasil. A abordagem interdisciplinar proposta neste projeto encontra suporte teórico na afrocentricidade, que, segundo Asante (1992), visa "centralizar a experiência africana como um ponto de partida legítimo para a compreensão e interpretação da realidade" (p. 42). Esse conceito desafia a supremacia das narrativas eurocêntricas e reivindica a centralidade das culturas africanas e, em nosso caso, afro-brasileiras na educação.

O letramento racial, entendido como o processo de sensibilização para a compreensão crítica das dinâmicas raciais que estruturam a sociedade, emerge como uma ferramenta central para combater o racismo estrutural. Bento (2022) argumenta que "o pacto da branquitude opera de maneira insidiosa, sustentando privilégios raciais ao naturalizar o silenciamento das contribuições históricas, culturais e sociais das populações negras" (p. 89). Esse contexto reforça a necessidade de práticas educativas que não apenas incluam as vozes silenciadas, mas também as valorizem como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.

A pedagogia da circularidade, proposta por Ferreira (2019), fornece um importante arcabouço metodológico ao considerar a integralidade do indivíduo e a desierarquização do saber como pilares da prática educativa. Essa perspectiva dialoga diretamente com os princípios das tradições africanas, que priorizam a coletividade e a interdependência. Conforme explica o autor:

A pedagogia da circularidade não se limita a uma estratégia de ensino, mas se manifesta como uma filosofia de vida, enraizada na sabedoria ancestral africana. Ela opera em círculos, promovendo o

encontro, a troca e a construção coletiva do saber, rompendo com as barreiras impostas por epistemologias hegemônicas que isolam e hierarquizam o conhecimento. (Ferreira, 2019, p. 104)

A arte, nesse cenário, torna-se uma ferramenta indispensável para o fortalecimento do senso crítico e da identidade cultural. As práticas artísticas afrorreferenciadas, conforme Reis (2020), são capazes de “reinscrever na memória coletiva as narrativas de resistência dos corpos negros, desafiando os paradigmas normativos que invisibilizam suas histórias e culturas” (p. 778). Ao incorporar elementos das matrizes afro-brasileiras, como o ijexá, o samba e o maracatu, o projeto “*As Aventuras Musicais de Zaki*” explora as potencialidades da música e do teatro para criar uma experiência sensorial e reflexiva, ampliando a percepção dos participantes sobre as dinâmicas culturais e raciais.

Ademais, as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 fornecem uma base normativa essencial para a implementação de práticas pedagógicas antirracistas. Alves e Rodrigues (2018) destacam que “a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar é um marco no reconhecimento das contribuições culturais dos povos negros, possibilitando que os discentes se reconheçam como agentes de transformação social” (p. 802). Essas leis reforçam o compromisso da educação com a valorização da diversidade cultural e a promoção da equidade racial.

A escola pública, além de ser um espaço de ensino, é um reflexo das desigualdades e potencialidades da sociedade brasileira. É ali que crianças e jovens de diferentes origens compartilham um cotidiano que, muitas vezes, escancara as barreiras estruturais que limitam o acesso a oportunidades iguais. Porém, é também nesse espaço que as possibilidades de transformação se tornam mais concretas. A educação, quando vista como um processo ativo e dinâmico, pode ser o fio que costura diferenças, criando pontes onde antes havia abismos.

Nesse tear, a arte ocupa um lugar central. Por sua natureza sensível e provocativa, a arte tem o poder de abrir caminhos para o questionamento, para a empatia e para a expressão de subjetividades muitas vezes silenciadas. A escola pública, ao incluir práticas artísticas em seu currículo, não apenas enriquece a formação dos estudantes, mas também permite que vozes diversas ocupem o centro da cena. Afinal, a arte não é apenas uma manifestação estética; é também um meio de resistir, de contar histórias e de reivindicar pertencimento.

Quando pensamos na escola pública como um espaço para *tecer saberes*, precisamos reconhecer que as histórias ali presentes são feitas de diferentes fios, alguns mais visíveis, outros escondidos ou desfiados pelo tempo. Muitos desses fios vêm das culturas afro-brasileiras e indígenas, que, apesar de sua riqueza e centralidade na formação da identidade nacional, foram marginalizadas e silenciadas. Reconhecer e valorizar esses fios é mais do que um gesto de justiça histórica; é uma oportunidade de enriquecer o tecido da educação com cores e texturas que refletem a verdadeira diversidade do Brasil.

A proposta de utilizar a música e o teatro como ferramentas pedagógicas é uma maneira de entrelaçar os fios das tradições afro-brasileiras com os desafios e sonhos dos estudantes da escola pública. Ao trazer narrativas como as de “*As Aventuras Musicais de Zaki*”, o projeto não apenas amplia o repertório cultural dos participantes, mas também convida cada um a se ver como parte fundamental desse tecido. Assim, a escola pública se transforma não apenas em um espaço de aprendizado, mas em um lugar onde histórias se encontram, se cruzam e se fortalecem mutuamente, criando um tecido educativo que, embora cheio de nuances, é resistente, belo e transformador.

3. Metodologia: entre ritmos e narrativas

O projeto organiza-se em três etapas interligadas — jogos cênico-musicais, performance/apreciação e criação coletiva —, com duração total aproximada de cinco meses (ciclos de seis semanas e apresentação final). Destina-se a turmas do 6º ano (de aproximadamente 30 estudantes), fase de transição propícia à ampliação de repertórios culturais e à adoção de metodologias ativas que promovam inclusão e diversidade.

Na primeira etapa, dedicada aos jogos cênico-musicais, os participantes são introduzidos a exercícios que exploram a interação entre som, movimento e expressividade corporal. Inspirada em conceitos como a “atuação polifônica” de Maletta (2014) e as “encruzilhadas culturais” descritas por Leda Maria Martins (1997), essa fase é pensada como um laboratório sensorial. As atividades incluem percussão corporal, improvisação

vocal e dinâmicas de ritmo baseadas em tradições afro-brasileiras como o ijexá, o samba e o maracatu. Esses jogos não são apenas exercícios técnicos, mas também uma oportunidade para os participantes vivenciarem as narrativas culturais que sustentam esses ritmos. Essa etapa tem como objetivo estimular a escuta, a cooperação e a sensibilidade, preparando os estudantes para o trabalho colaborativo das fases seguintes.

Na segunda etapa, voltada para a performance e a apreciação, os participantes exploram as possibilidades criativas do que foi experienciado na primeira fase. Eles desenvolvem pequenas esquetes cênico-musicais que dialogam com os valores simbólicos das matrizes afro-brasileiras. Paralelamente, realizam a apreciação crítica de obras culturais afrorreferenciadas, como peças teatrais, músicas e produções audiovisuais. Esses momentos de apreciação são acompanhados por discussões em grupo, nas quais se analisam os elementos artísticos e suas conexões com temas como diversidade, resistência cultural e identidade. Como Bento (2022) destaca, “é essencial que a educação se proponha a desconstruir narrativas hegemônicas, proporcionando novas formas de enxergar a contribuição das populações historicamente silenciadas” (p. 93).

Por fim, a terceira etapa culmina na criação coletiva da peça “*As Aventuras Musicais de Zaki*”. Nesse momento, os participantes assumem o protagonismo na elaboração do roteiro, composição da trilha sonora e definição dos elementos cênicos. Inspirado no método do Teatro Experimental de Cali (Carbonari, 2014), este processo utiliza a criação artística como ferramenta para integrar as aprendizagens anteriores e produzir uma narrativa original que celebre a riqueza das culturas afro-brasileiras. Os ensaios são conduzidos de maneira colaborativa e interativa, incentivando a autonomia criativa e a troca de ideias entre os participantes. A apresentação final da peça não é apenas um resultado estético, mas também uma síntese das reflexões críticas e das aprendizagens culturais realizadas ao longo do projeto.

Cada etapa está profundamente alinhada ao objetivo central do projeto: promover uma educação antirracista e transformadora. Ao propor uma metodologia que conecta as experiências artísticas ao letramento racial, este projeto visa transformar a escola pública em um espaço de resistência cultural e emancipação social. O entrelaçamento entre ritmos, narrativas e práticas educativas reflete não apenas uma valorização das tradições afro-brasileiras, mas também o compromisso com a formação de sujeitos críticos e engajados. Assim, o processo metodológico deixa de ser apenas um caminho para a aprendizagem, tornando-se ele próprio uma experiência emancipadora.

Tabela 1. Cronograma Proposto

Etapa	Descrição	Duração
Jogos cênico-musicais	Introdução a percussão corporal, improvisação vocal e ritmos afro-brasileiros	6 semanas
Performance e apreciação	Esquetes e análise crítica de obras afrorreferenciadas.	6 semanas
Criação coletiva	Roteiro, trilha e ensaios colaborativos.	6 semanas
Apresentação Final e Reflexão	Espectáculo e roda de conversa	1 semana

Fonte: Autoria própria.

O cronograma sugerido na Tabela 1, favorece uma progressão equilibrada entre prática, reflexão e criação, proporcionando tempo suficiente para a assimilação dos conceitos e a execução das atividades. Além disso, ele considera a necessidade de momentos para fortalecer o engajamento e o protagonismo dos participantes, assegurando que cada etapa contribua para o objetivo maior do projeto. Se necessário, podemos ajustar as durações ou adicionar detalhes específicos.

3.1. Jogos cênico-musicais

Os jogos cênico-musicais inauguram o processo como sensibilização para a interação entre som, movimento e expressão corporal. Ancorados nas matrizes afro-brasileiras, desenvolvem habilidades musicais e corporais e aproximam os estudantes de seus significados simbólicos e históricos.

Um dos principais objetivos dos jogos cênico-musicais é aproximar os participantes de ritmos tradicionais afro-brasileiros, como o ijexá, o samba e o maracatu, utilizando a percussão corporal como ponto de partida. A prática envolve a exploração de padrões rítmicos básicos, incorporados ao movimento corporal por meio de palmas, batidas no peito e estalos. Segundo Maletta (2014), a integração entre som e movimento é essencial para criar uma “atuação polifônica” que promova um diálogo entre linguagens artísticas e sensibilidades culturais (p. 32). Por exemplo, a célula rítmica do maracatu² pode ser trabalhada de forma integrada, onde cada participante executa um padrão enquanto se desloca pelo espaço, criando uma experiência imersiva que une som e movimento. Essas atividades reforçam não apenas a coordenação motora, mas também a escuta ativa e a colaboração em grupo.

Além disso, a improvisação vocal é outro elemento central dessa etapa, inspirada em práticas culturais como o samba de roda e o jongo³. Os participantes são estimulados a criar frases melódicas curtas, que podem ser repetidas, variadas ou respondidas coletivamente. Conforme Reis (2020), a oralidade é um “meio poderoso de transmissão de saberes e de resistência cultural”, sendo essencial incorporá-la em práticas artísticas que busquem valorizar a ancestralidade negra (p. 778). Por exemplo, um refrão simples pode servir como base para improvisações individuais, incentivando a expressão criativa e a conexão com as tradições orais afro-brasileiras.

Os jogos de movimento e expressividade corporal também têm um papel fundamental nesse processo. Inspirados em danças como o coco e o afoxé⁴, os participantes são convidados a criar sequências coreográficas que dialoguem com os ritmos trabalhados. Essas dinâmicas ajudam a desenvolver a consciência espacial e a expressividade, ao mesmo tempo em que conectam os movimentos corporais aos valores simbólicos presentes nas manifestações culturais afro-brasileiras. Um exemplo seria a construção de uma coreografia coletiva baseada no movimento de ondas, representando a força simbólica da água nas tradições africanas, conforme destacado por Messias et al. (2024), que defendem que “as práticas corporais e simbólicas afrocentradas são fontes de fortalecimento identitário e político” (p. 286).

Outra prática relevante envolve jogos de coordenação e escuta ativa, como o *Roda dos Ritmos*. Nesse exercício, cada participante contribui com um som ou movimento, formando uma polirritmia coletiva inspirada em blocos afro, como Ilê Aiyê ou Olodum⁵. Essa dinâmica fortalece o senso de pertencimento e cooperação, elementos essenciais para o desenvolvimento de uma pedagogia que prioriza a construção coletiva do saber. Paralelamente, vivências com objetos sonoros, como sementes ou pedaços de bambu,

² Exemplo da célula rítmica do maracatu. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gBiZqiS7Bjg>. Acesso em: 27 out. 2025.

³ Exemplo de vocalidades, danças e percussões do jongo, produzido a partir de trechos do filme *Sou de Jongo* e dos 9º e 10º Encontros de Jongueiros, para o Portal do Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu. Disponível em: <https://youtu.be/BSmWU7bmU-c?si=5S1Hn0gV4eX9zKAe>. Acesso em: 27 out. 2025.

⁴ Exemplo da dança do afoxé, extraído de trecho do espetáculo do Grupo Sarandeiros, que integra coreografias inspiradas em tradições afro-brasileiras. Disponível em: <https://youtu.be/ffXptnVz4ds?si=p3nxUQUr2Jn5o9-B>. Acesso em: 27 out. 2025.

⁵ Mestre Memeu falando sobre os ritmos do Olodum – vídeo que destaca a polirritmia na composição dos tambores, voz, surdo e instrumentos percussivos típicos da bateria-bloco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zhEkJr6bICM>. Acesso em: 27 out. 2025.

ampliam a exploração sonora e proporcionam uma conexão prática com a musicalidade afro-brasileira. Por exemplo, os participantes podem construir pequenos instrumentos de percussão e utilizá-los para simular o ambiente sonoro de um cortejo de maracatu.

Ao longo das seis semanas dedicadas a essa etapa, os jogos cênico-musicais atuam como um ponto de convergência entre prática artística e reflexão crítica. Além de desenvolver habilidades técnicas, essas atividades criam um espaço para a valorização das culturas afro-brasileiras e para a construção de vínculos entre os participantes. Após cada atividade, momentos de reflexão em grupo são realizados, permitindo que os participantes compartilhem suas percepções e discutam a relevância dessas práticas no contexto educacional e cultural.

Os jogos cênico-musicais configuram-se, portanto, como o fio inicial no processo de *tecer saberes* proposto pelo projeto. Eles possibilitam aos participantes explorar suas potencialidades artísticas enquanto se conectam às histórias e tradições afro-brasileiras. Essa etapa, ao integrar práticas sensoriais, musicais e reflexivas, prepara os participantes para as fases seguintes do projeto, consolidando uma base sólida para o trabalho de performance e criação coletiva.

3.2. A peça

“*As Aventuras Musicais de Zaki*” é uma peça autoral inédita, criada exclusivamente para este projeto pelo autor deste artigo. Ainda não publicada, a peça apresenta uma narrativa mágica e envolvente, ideal para despertar a imaginação e o interesse dos participantes por meio da riqueza cultural dos ritmos afro-brasileiros.

Figura 1. Personagem Zaki



Fonte: criado via Adobe Firefly.

Zaki é um menino que carrega no coração o brilho das histórias de seu avô Taú, mestre dos tambores e guardião da memória. Um dia, ao encontrar um mapa antigo, ele descobre que as formas e desenhos não eram apenas traços, mas segredos guardados pelo tempo. Com seu atabaque mágico — feito da madeira de um Baobá sagrado —, Zaki aprende que cada batida abre portais de som e lembrança. O tambor pulsa como coração de muitas gerações: nele vivem o maracatu, que marcha como cortejo de resistência; o ijexá, que

dança em festa com os orixás; o samba, que faz da dor celebração e da roda liberdade. Nas viagens de Zaki, os ritmos se transformam em caminhos, cada nota em fio que costura passado e presente. O menino descobre que a música é memória viva e que tocar o atabaque é também escutar os passos dos que vieram antes. Assim, “As Aventuras Musicais de Zaki” não é apenas uma história a ser contada, mas um chamado: que cada criança se reconheça como herdeira de vozes, gestos e sonhos que o tambor insiste em revelar.

3.3. O cruzo das afrorreferências musicais

As células rítmicas afro-brasileiras, derivadas das matrizes africanas, possuem um papel central na articulação entre tradição e inovação. Elas não apenas sustentam a musicalidade da peça “As Aventuras Musicais de Zaki”, mas também representam um elo profundo com as culturas que moldaram a identidade brasileira. No contexto do projeto, essas células serão exploradas de forma teórica e prática, proporcionando aos participantes uma imersão em sua essência rítmica, variantes e aplicações contemporâneas, ao mesmo tempo que incentivam reflexões sobre seu valor cultural e simbólico.

A riqueza desses ritmos é amplamente evidenciada em projetos musicais de referência, como a Orkestra Rumpilezz, a Orquestra Afrossinfônica e a Orquestra Afro-Brasileira. Esses grupos são fundamentais para a revitalização das células rítmicas afro-brasileiras, adaptando-as a novos contextos musicais e artísticos sem perder suas raízes. Eles exemplificam como os ritmos afro-brasileiros podem ser recontextualizados para criar pontes entre as tradições ancestrais e as linguagens contemporâneas, reafirmando a potência criativa e transformadora dessas matrizes culturais.

No estudo da peça, as células rítmicas serão utilizadas como base para atividades práticas, composição de trilhas e construção de atmosferas cênicas. Cada ritmo abordado será conectado à sua origem cultural e à sua ressignificação em projetos musicais contemporâneos.

O *Ijexá*, por exemplo, será trabalhado como um ritmo binário de origem nagô, utilizado tanto em toques litúrgicos quanto em músicas populares. Em grupos como a Orkestra Rumpilezz, o ijexá é adaptado com arranjos sofisticados para sopros e percussão, destacando sua riqueza melódica e polirrítmica (Scott, 2019). Durante as práticas, os participantes terão a oportunidade de explorar o ijexá como guia para movimentos corporais fluidos e danças que remetam às tradições afrobaianas.

O *Maracatu*, com suas múltiplas variações, como o maracatu nação e o maracatu rural, será apresentado em sua complexidade rítmica e na interação característica entre alfaia, caixas e agogôs. Em projetos como os da Orquestra Afrossinfônica, o maracatu é orquestrado com elementos sinfônicos, criando uma expansão sonora que dialoga com linguagens eruditas e populares (Meneses, 2012). Os participantes serão incentivados a reproduzir as células rítmicas do maracatu, enquanto experimentam sua adaptação para dinâmicas de cena e teatralidade.

O *Samba*, com suas células sincopadas emblemáticas, será explorado tanto em sua dimensão popular quanto em suas possibilidades orquestrais, como nas peças da Orquestra Afro-Brasileira. Instrumentos como o pandeiro, tamborim e surdo serão utilizados para estudar as nuances rítmicas do samba e sua aplicação em práticas cênicas (Castro, 2024). Além disso, o samba será um ponto de partida para discutir sua universalidade e seu papel como símbolo de identidade nacional e resistência cultural.

Os grupos musicais mencionados representam diferentes perspectivas na ressignificação das matrizes afro-brasileiras. A Orkestra Rumpilezz, por exemplo, inova ao integrar elementos do jazz às tradições afrobaianas, promovendo um diálogo entre as polirritmias africanas e harmonias contemporâneas. A Orquestra Afrossinfônica une instrumentos sinfônicos e percussivos para reinterpretar ritmos como o alujá e o ijexá, transcendendo as fronteiras entre o popular e o erudito. Já a Orquestra Afro-Brasileira, pioneira no formato orquestral afro-brasileiro, promove um diálogo criativo entre tradição e modernidade, recontextualizando melodias e ritmos em composições originais (Castro, 2024; Meneses, 2012; Scott, 2019).

Essas referências não apenas enriquecem a prática musical, mas também oferecem um repertório para integrar música, movimento e cena nos processos criativos coletivos da peça. A análise e a experimentação dessas células rítmicas servirão como guias para a criação de coreografias, atmosferas sonoras e dinâmicas de cena, promovendo uma integração entre música e teatro. Como destaca Castilho (2008), "os ritmos afro-

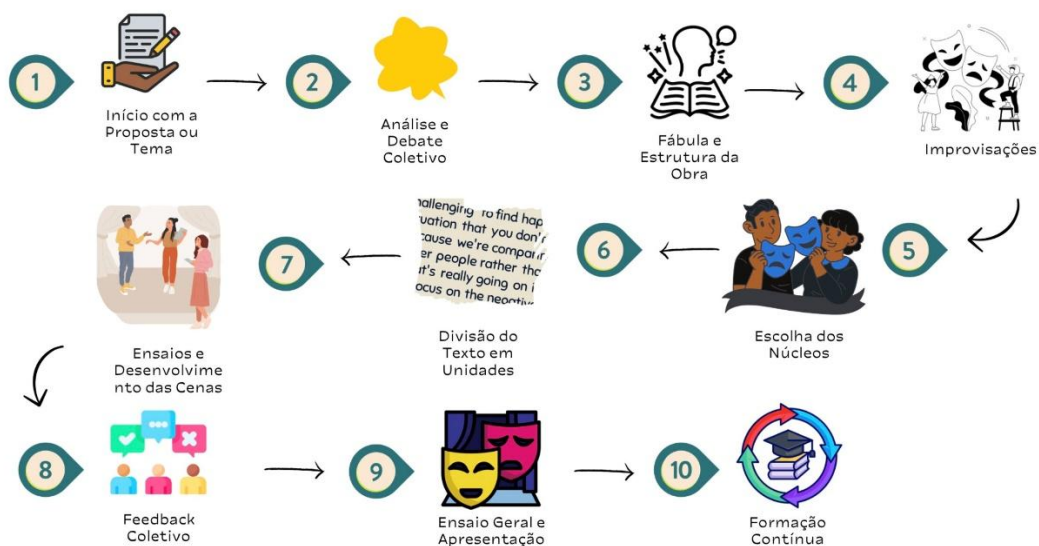
brasileiros são mais do que elementos musicais; eles carregam histórias, identidades e formas de resistência que encontram novos significados em cada recriação" (p. 42).

Assim, o estudo das afrrerreferências musicais na peça "As Aventuras Musicais de Zaki" transcende o domínio técnico, servindo como um instrumento de valorização cultural e inspiração criativa para os participantes. Ao explorar essas matrizes rítmicas em profundidade, o projeto reafirma o poder da música como uma linguagem viva que conecta passado, presente e futuro.

3.4. Criação coletiva

A criação coletiva deste projeto é profundamente inspirada no método desenvolvido pelo Teatro Experimental de Cali (TEC), que integra a colaboração de todos os participantes em um processo horizontal e dinâmico. Para orientar esse processo, são seguidas as dez etapas delineadas por Carbonari (2014) para o método criativo do TEC, adaptadas ao contexto educacional e artístico da peça "As Aventuras Musicais de Zaki". As etapas estão ilustradas na Figura 2 e refletem a progressão necessária para criar uma obra que une estética, crítica social e integração pedagógica.

Figura 2. Processo de Criação Coletiva no TEC



Fonte: Autoria própria.

A primeira etapa, *Início com a Proposta ou Tema*, envolve a apresentação da narrativa de Zaki e a identificação de seus elementos centrais, como os ritmos afro-brasileiros e a importância cultural de cada parada em sua jornada. Em seguida, ocorre a *Análise e Debate Coletivo*, momento em que os participantes refletem sobre os significados culturais, históricos e simbólicos dos elementos narrativos, estabelecendo as conexões entre a peça e suas vivências.

A terceira etapa, *Fábula e Estrutura da Obra*, consiste na construção de um esboço narrativo, onde a história de Zaki é enriquecida pelas ideias coletivas. A quarta etapa, *Improvisações*, é marcada pela experimentação prática, em que os participantes testam ideias cênicas e musicais relacionadas aos ritmos abordados, como o maracatu, ijexá e samba.

Na quinta etapa, *Escolha dos Núcleos*, o grupo se organiza em equipes responsáveis por diferentes aspectos da peça, como composição musical, dramaturgia, coreografia e cenografia. Posteriormente, na *Divisão do Texto em Unidades*, a narrativa é fragmentada em cenas menores, permitindo um trabalho mais detalhado e colaborativo na construção de cada parte.

As etapas finais incluem *Ensaio e Desenvolvimento das Cenas*, onde as ideias ganham forma e se tornam uma peça coesa; *Feedback Coletivo*, um momento de avaliação e ajustes com contribuições de todos os envolvidos; *Ensaio Geral e Apresentação*, que culmina na entrega final da peça ao público; e, por fim, *Formação Contínua*, que visa transformar as aprendizagens do projeto em práticas permanentes, conectando os participantes a novas possibilidades criativas.

Essas etapas, como destaca Carbonari (2014), não apenas democratizam o processo criativo, mas também integram os participantes em um movimento de reflexão e ação. A construção da peça não é apenas estética, mas também pedagógica e social, oferecendo aos participantes a oportunidade de vivenciar a arte como um ato de resistência e transformação. A partir da Figura 2, é possível visualizar como cada etapa está interligada, formando um ciclo criativo que coloca em prática os princípios do método de Buenaventura, alinhando-os às necessidades e potencialidades do contexto escolar.

O método do TEC parte de princípios que conectam o teatro à realidade social e cultural, utilizando o palco como espaço para refletir e transformar contextos. As etapas incluem a análise crítica de textos ou temáticas, improvisações baseadas em estímulos e a criação de uma dramaturgia que dialogue com as forças sociais em conflito. Buenaventura enfatizava que "um texto teatral é uma analogia da vida social, não uma reprodução direta dessa vida" (Carbonari, 2014), colocando o teatro como um meio de interpretar e questionar as estruturas vigentes.

No projeto "*As Aventuras Musicais de Zaki*", a criação coletiva se manifesta na construção do roteiro, na elaboração da trilha sonora e na definição dos elementos cênicos. Os participantes, estudantes do 6º ano do ensino fundamental, assumem papéis ativos em cada etapa, colaborando de forma horizontal e criativa. A história de Zaki, já explorada em fases anteriores, serve como base para que o grupo a reconstrua e ressignifique, incorporando novas perspectivas e experiências. O diretor ou facilitador, nesse contexto, atua como mediador, organizador e incentivador, garantindo que as vozes de todos sejam ouvidas e que o processo se mantenha fluido e colaborativo.

O caráter democrático da criação coletiva também se estende à relação com o público. Buenaventura defendia que "a relação com o público é essencial no processo criativo, pois as obras se constroem e se transformam com ele" (Carbonari, 2014). Essa perspectiva orienta a apresentação final da peça, que não apenas celebra o trabalho desenvolvido, mas também promove um diálogo com a comunidade escolar e as famílias, reforçando o papel do teatro como ferramenta de educação e transformação social.

A criação coletiva proposta neste projeto não se limita à produção de um espetáculo, mas busca criar um espaço de aprendizado, troca e reflexão. O método desafia as hierarquias tradicionais e promove a construção de uma obra que é, ao mesmo tempo, artística e política. Assim, ao adotar os princípios do TEC, o projeto não apenas valoriza as matrizes culturais afro-brasileiras, mas também reafirma a importância da arte como um ato de resistência e emancipação. A experiência da criação coletiva se torna, portanto, uma prática viva de educação antirracista e de inclusão, onde a estética se encontra com o compromisso social e cultural.

4. Discussão: interações polifônicas e práticas antirracistas

A proposta de "*As Aventuras Musicais de Zaki*" tem como objetivo revelar o potencial transformador da arte quando integrada a práticas educativas que valorizam a diversidade cultural e promovem a equidade racial. O conceito de interações polifônicas, articulado ao longo do projeto, simboliza a convergência de diferentes vozes, ritmos e experiências, que dialogam de maneira colaborativa para construir uma narrativa coletiva. Essa abordagem, fundamentada em princípios de afrocentricidade e criação coletiva, poderá se mostrar essencial para a formação de sujeitos críticos e engajados, especialmente no contexto da escola pública.

As dez etapas da criação coletiva, inspiradas no método do Teatro Experimental de Cali (TEC) e apresentadas na Figura 2, estruturam o processo de forma democrática. Caso aplicado, o projeto desafiará hierarquias tradicionais, permitindo que os participantes assumam papéis ativos na construção da narrativa e dos elementos cênicos. Segundo Carbonari (2014), "a criação coletiva desafia a concepção tradicional de autoridade, favorecendo uma prática em que as decisões são compartilhadas e o processo se torna um espaço de aprendizagem coletiva" (p. 76). Dessa forma, o método poderá transformar o processo criativo em um espaço de troca e valorização das perspectivas individuais e coletivas.

Além disso, o projeto propõe a utilização da narrativa de Zaki como um ponto de partida para reflexões sobre ancestralidade, resistência e pertencimento cultural. A história de Zaki poderá oferecer aos participantes a oportunidade de se verem representados, reforçando a importância de centralizar experiências negras na educação. Como Bento (2022) destaca, práticas que promovam o letramento racial são fundamentais para desconstruir estereótipos e desafiar narrativas hegemônicas, especialmente em espaços como a escola pública.

A abordagem interdisciplinar, que integra música, teatro e estudos culturais, também poderá criar condições para a exploração de afroreferências musicais contemporâneas. Grupos como a Orquestra Rumpilezz, a Orquestra Afrossinfônica e a Orquestra Afro-Brasileira servem como exemplos de como as matrizes culturais afro-brasileiras podem ser reinterpretadas e ressignificadas. Essas referências, ao serem incorporadas às práticas do projeto, poderão ampliar o repertório cultural dos participantes e evidenciar a vitalidade e a relevância dessas tradições no contexto atual.

No contexto da escola pública, o projeto poderá contribuir para a construção de um ambiente pedagógico mais inclusivo e equitativo. A metáfora de *tecer saberes* reflete a intenção de promover a integração entre os conhecimentos prévios dos participantes e as tradições culturais afro-brasileiras, criando um tecido educativo significativo e transformador. As práticas artísticas integradas, aliadas à reflexão crítica, poderão fortalecer a autoestima, o senso de pertencimento e as competências socioemocionais dos participantes.

Vale destacar que o projeto possui desafios e requer a consideração de aspectos estruturais, curriculares e formativos que influenciam diretamente sua viabilidade. A exemplo do contexto educacional em que atuo (Prefeitura Municipal de Contagem/MG), a carga horária da disciplina de Arte dos anos finais do ensino fundamental é de duas aulas semanais de 50 minutos, o que impõe um desafio à execução de projetos maiores. A limitação de carga horária reforça a importância de parcerias interdisciplinares com outras áreas do conhecimento. Disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática, que possuem carga horária maior, podem contribuir de forma orgânica ao projeto — seja na elaboração de roteiros, construção de textos e diálogos, seja na configuração de cenários, medições e organização espacial da cena.

Outro desafio diz respeito à formação e sensibilização do corpo docente. Por se tratar de um projeto que promove o letramento racial por meio da arte, sua implementação pressupõe que a própria comunidade escolar seja envolvida nesse processo de conscientização. É fundamental que reuniões pedagógicas e espaços de formação continuada abordem a importância de iniciativas como esta para o fortalecimento da identidade, da autoestima e da emancipação dos estudantes.

Também é necessário considerar a logística de participação das turmas e a diversidade de perfis estudantis. Em uma escola com várias turmas de 6º ano, nem todos os estudantes desejam atuar diretamente na cena. Assim, é recomendável distribuir diferentes funções criativas e técnicas, como sonoplastia, cenografia, iluminação e produção, de modo a valorizar múltiplas formas de engajamento e pertencimento.

Por fim, uma estratégia viável para escolas maiores onde há uma grande quantidade de turmas é a fragmentação da narrativa em múltiplas cenas, nas quais cada turma possa protagonizar um trecho da história. Essa estrutura facilita o cronograma de ensaios, otimiza o tempo pedagógico e amplia o envolvimento coletivo. Tal organização permite que existam vários “Zakis” e “vovôs Taú”, mantendo a coerência narrativa e reforçando a dimensão simbólica de uma obra construída em rede.

5. Considerações finais: entrelaçando saberes

O projeto “*As Aventuras Musicais de Zaki*” se apresenta como uma proposta pedagógica que alia arte, cultura e educação para promover reflexões críticas e transformações no contexto escolar. Ao utilizar a narrativa de Zaki como eixo central, o projeto conecta os participantes às matrizes afro-brasileiras de maneira prática e simbólica, oferecendo-lhes um espaço de construção coletiva e aprendizado significativo.

O grande diferencial dessa proposta reside na integração de práticas artísticas com a valorização das culturas afro-brasileiras, destacando não apenas suas manifestações estéticas, mas também suas dimensões históricas e sociais. A escolha por métodos como a criação coletiva, inspirada no Teatro Experimental de Cali, reforça o compromisso com uma pedagogia democrática e inclusiva, em que todos os participantes têm voz ativa no

processo criativo. Essa abordagem aponta para o potencial do projeto em gerar novos sentidos, tanto no campo artístico quanto educacional.

Ao evitar uma abordagem prescritiva, o projeto cria possibilidades de aprendizado dinâmicas e conectadas às realidades dos estudantes. A história de Zaki não é apenas uma narrativa, mas um ponto de partida para que os participantes explorem suas próprias identidades e experiências, enquanto dialogam com as tradições culturais apresentadas. Dessa forma, o projeto vai além de uma prática de ensino, tornando-se um instrumento de valorização da pluralidade e de reconstrução de narrativas.

Embora o projeto ainda não tenha sido implementado, ele foi estruturado de modo a considerar os desafios e potencialidades da escola pública como espaço de formação. O desenvolvimento das atividades propõe caminhos para que a arte seja vivenciada como um instrumento de empoderamento, capaz de ressignificar estereótipos e promover a inclusão. A flexibilidade da proposta também permite sua adaptação a diferentes contextos, ampliando seu alcance e relevância.

Por fim, “*As Aventuras Musicais de Zaki*” reafirma a potência das práticas artísticas na construção de uma educação antirracista e emancipadora. Mais do que ensinar ritmos, movimentos ou histórias, o projeto se propõe a inspirar mudanças de perspectiva, cultivando o respeito pelas diversidades culturais e promovendo uma visão de futuro que celebra a equidade e a justiça social. Ao ser implementado, ele tem o potencial de se tornar um exemplo significativo de como arte e educação podem caminhar juntas para transformar realidades.

Agradecimentos

Este trabalho contou com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), por meio de bolsa de doutorado.

Referências

- Alves, S. R., & Rodrigues, M. E. (2018). Entre arte, ensino e afrodescendência. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisador@s Negr@s – ABPN*, 10(Esp.), 800–819.
- Asante, M. K. (1992). *Kemet, afrocentricity and knowledge* (2nd ed.). Africa World Press.
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Brasil. (2003). Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm
- Brasil. (2008). Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394/1996. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm
- Carbonari, M. (2014). *A direção teatral e o método de criação coletiva de Enrique Buenaventura no TEC (Teatro Experimental de Cali)*.
- Castilho, J. (2008). *Tempo, ritmo, dinâmica: Como soa a música da cena*. IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas.
- Castro, F. S. (2024). *Década de 1940: O florescimento da Orquestra Afro-Brasileira através dos olhares da imprensa de sua época*.
- Ferreira, T. (2019). Afrocênica: Poéticas de cenas pretas. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisador@s Negr@s – ABPN*, 11(27), 86–112.
- Maletta, E. (2014). A interação música-teatro sob o ponto de vista da polifonia. *Per Musi*, 21(30).
- Martins, L. M. (1997). *Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*. Mazza Edições.
- Meneses, J. D. D. (2012). Orkestra Rumpilezz: Reinventing the Bahian percussion universe. *CTUS – Periódico do PPGMUS-UFBA*, 13(1), 6–40.
- Messias, E. P., & Pereira, C. M. H. (2024). *Projeto música e arte afrocêntrica: Difundindo as trajetórias de mestras e mestres da cultura pernambucana* [Relatório/Boletim].
- Reis, D. S. (2020). Estéticas afro-decoloniais e narrativas de corpos negros: Arte, memória, imagem. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisador@s Negr@s – ABPN*, 12(34), 744–801.

Scott, G. (2019). Universo percussivo baiano de Letieres Leite: Educação musical afro-brasileira, possibilidades e movimentos [Dissertação de Mestrado, UFBA]. UFBA, Salvador, BA.